

30 anos depois...

Ernani Chaves

Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará

A notícia chegou por telefone, o meio de comunicação mais rápido da época. Foi Roberto Machado, com a voz triste, quem me contou da morte de Foucault, naquele 25 de junho de 1984. Ela me pegou em meio à escrita de minha dissertação de mestrado sobre “Foucault e a psicanálise”. Foi um “baque”. Eu sonhava ir, naquele final de ano, para Paris, assistir seu curso no Collège de France.

No dia seguinte, João Carlos Pereira, professor e jornalista, contemporâneo de estudos universitários me telefonou e propôs que eu escrevesse um texto em homenagem a Foucault para o jornal no qual ele trabalhava, “O Liberal”.

Relendo esse texto hoje, passados 30 anos, procurei deixar de lado qualquer avaliação crítica, que a distância cronológica acaba impondo, e deixar apenas que os afetos nele envolvidos pudessem ainda ser ouvidos, que de algum modo ainda ecoassem no meu presente. Ele testemunha a admiração e o impacto que sua obra tinha provocado na minha vida. Mas também a repercussão que ela já tinha no Brasil da época. No Brasil da chamada “abertura política”, às portas do retorno, “lento e gradual”, ao estado democrático. Não deixa de ser engraçado que eu tenha atribuído a sua morte o estatuto da “morte gloriosa” dos jovens heróis na Grécia antiga, embora ele já não fosse propriamente um jovem. Mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser sério, principalmente à luz de seu último curso no Collège de France, quando, de algum modo, podemos constatar sua serenidade diante da morte. De qualquer maneira, para mim, havia morrido um herói.

Alto, imponente, com sua camisa branca de mangas compridas e gola rolê, careca luzindo à luz das lâmpadas do auditório, sentado em cima da mesa, com as pernas cruzadas à maneira oriental: espero que o tempo nunca consiga apagar totalmente de minha memória, a imagem que me ficou de sua figura, quando de sua passagem por Belém, em novembro de 1976. Assim como as únicas palavras que eu entendia de sua fala em francês, essas sim, que eu jamais poderia imaginar que iriam, alguns anos depois, mudar a minha vida: *sexualité, pouvoir, vérité*.

Belém, agosto de 2014.

A morte do filósofo francês Michel Foucault tornou o mundo de surpresa. Todos lamentaram o desaparecimento de uma das lúcidíssimas inteligências do século XX. Em Belém, o professor Ernani Pinheiro Chaves sentiu mais de perto essa tristeza, porque, mesmo à distância, estava ligado intimamente ao pensamento de Foucault, pois prepara uma dissertação de mestrado a ser apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesse trabalho, ele aborda o tema da discussão do poder em Foucault a partir de um confronto com a teoria da repressão em Freud. Quando esteve em Belém em 1976, Foucault polarizou a

atenção da cidade. A essa época, Ernane, que hoje é professor de Filosofia na UFPA, no Cesp e nas Ficom, era aluno do curso de Filosofia e não conhecia bem a obra do filósofo. "Além de não saber francês, não tinha noção da importância de Foucault. Para mim, era pessoa importante que estava chegando. Era um homem alto, careca e muito falante", confessou. No curso de mestrado, a paixão foi fulminante, e Ernane mergulhou de cabeça nas leituras foucaultianas, transformando-se em um verdadeiro especialista em MF. Ainda bastante emocionado com a morte do pensador, ele escreveu este texto:

Asserções da Serpente

Uma homenagem a Michel Foucault

Ernani Pinheiro Chaves

Karlós Thanatos, Bela Morte. Este é o nome com que as "orações fúnebres" atenienses cantam o *Anér Agathos*, o homem valoroso. "Para quem pagou com a vida a honra da desonra no combate, da vergonha da covardia, ela assegurou um renome indefectível". (1) A Bela Morte também *Eukleés Thanatos*: morte gloriosa. A glória, aqui, é a realização da "excelência" (*areté*), que não precisa mais ter que ser posta à prova pelo confronto: "Ela se realiza de vez e para sempre no feito que põe a vida da do herói". (2) É isto o que eu pretendo cantar e celebrar nesta "oração fúnebre": uma "bela morte", porque se trata efetivamente de um guerreiro que lutou num "front" politicamente tão indesejável, tão pouco "nobres aos olhos da "ciência": o "front" das infinitas formas de exercício do poder, que estendidas como uma rede por toda a extensão do social, fazem parte de uma estratégia de dominação para a produção de "corpos dóceis". O "corpo" louco, esquadriado pelo olhar psiquiátrico; o "corpo" do condenado esquadriado pelo olhar de tantos "competentes" (dos médicos aos juristas, passando pelos psicólogos, assistentes sociais, pedagogos); o "corpo" da histórica, do masturbador, do homossexual, da criança perversa, da "esquadriado pelas múltiplas instâncias de sujeição a adestramento. No cruzamento dos discursos e das práticas institucionais de exclusão e enclausuramento, vimos assombrar neste combate o "estranho" e a "simplicidade entre a produção da verdade e os modos de exercício do poder. Na feliz expressão de Gerard Lebrun (3), não é certamente o "telescópico" de Hobbes e tantos outros, que guia o nosso valoroso guerreiro, mas sim um "microscópico". É que com ele adentra na cena da história o batalhão dos deserdados e dos excluídos, é a "plebe rude e ignara" que toma o seu lugar e o direito de dizer por si mesma o que pensa, é o documento mofado e esquecido nas gavetas dos arquivos, que passa a ter o direito de nos contar uma história. Nada é azul só, o olhar microscópico: tudo é cinza, como é cinza a cor do asilo da prisão, do hospital, da escola... por mais que sejam brancos, amarelos ou verdes. Mas, voltamos à celebração. Teu corpo, já untado, purificado e vestido, limpo dos ferimentos, do sangue e da poeira que evocam a tua lentidão e ressaltam mais ainda a tua beleza serena, está pronto para arder na pira. E eu profiro o meu canto. Canto que vem embargado pela emoção e pela saudade que a tua ausência me traz.

O que a História da Loucura (1961), tal qual nos é contada por Foucault tem como novidade, é o questionamento e a recusa da trindade "razão-verdade-ciência", pressuposto das histórias epistemológicas. O que quer dizer? Em primeiro lugar, que a loucura é tomada aqui como um "fato da civilização", o que torna possível o conceito de "doença mental" uma produção histórica, de data bem recente — o começo do século XIX. Em segundo lugar, que o fato da Psiquiatria elaborar o conceito de "doença mental", não significa que "razão e medicina", finalmente libertas dos entraves que a Medicina até então não havia superado, encontra finalmente a "verdade" da loucura. Em terceiro lugar, como decorrencia dos dois aspectos acima citados, a História da Loucura não é a história de uma "ciência" (no caso da psiquiatria), que significaria o progresso da razão em direção à verdade, mas a história do que torna possível os diferentes gestos e atitudes, que em diferentes épocas, "nomeiam" a loucura e "delimitam" o espaço de ação dos loucos. Não apenas desconstruindo portanto, mas recusa de determinadas noções largamente utilizadas pela historiografia tradicional, principalmente a noção do progresso. Vejam vocês o quanto há de espantoso aqui: nega-se que exista uma "verdade" da loucura que uma "ciência", a psiquiatria, viria enfim, como mais uma vitória e demonstração do progresso científico, revelar; em oposição a isto, mostra-se que o conceito de "doença mental" é muito mais uma exigência política, econômica e social que propriamente teórica; nega-se que a "razão" ou a "ciência" possam funcionar como "critérios de verdade" mostrados ao contrário, que o aparecimento de um "saber" que passa a ser tido e reconhecido como "verdadeiro" na medida em que é considerado "científico", é tributário de um novo modo de exercício do poder, que incide sobre o corpo no seu mínimo gesto e no seu menor detalhe, o inscreve na trama tão bem "inventada" que se chama normal do patológico, a razão da desrazão. Tal qual irmãos siameses, poder-saber e verdade constituem uma unidade indissociável. O objetivo de Foucault é "escavar" os subterrâneos que tornam possível esta "tríplice aliança".

Mas, se desde a História da Loucura, este tema o da relação poder-saber-verdade — já estava não apenas sugerido mas presente na análise, é apenas em Vigiar e Punir (1975) que ele é explicitamente problematizado. E quando Foucault, sem pretender constituir uma teoria geral do poder, procura descrever o que é

exercício do poder nas sociedades capitalistas ocidentais a partir da pesquisa a propósito do encarceramento normalizador que tem o seu modelo na prisão. "O" poder para Foucault é apenas um "nome" — O que existe são relações de poder que não se localizam em espaços privilegiados para tal — o Estado e seus aparelhos ideológicos", por exemplo, que não são "propriedade" de uma determinada classe social (como imaginariam as relações de poder) e cujo exercício não se exclui da esfera da repressão, pela censura, pela interdição. O poder não é aquilo que diz "não". Além de deslocar o espaço da análise (do "macro" para o "micro") e de negar ao Estado o papel de órgão único e central do poder que lhe é conferido pela Filosofia Política Clássica (4), a perspectiva de Foucault resalta o aspecto produtivo, positivo (sem qualquer conotação moral) do poder. É o que o poder produz nas sociedades capitalistas? Produz principalmente "corpos dóceis", adestrados, disciplinados, cronometrados, "saudáveis". E para alcançar este objetivo, o exercício do poder não pode ser mais uma manifestação escandalosa da transgressão no espetáculo exemplar do suplício. Mas sim insidioso, sutil, refinado. Poder que, de preferência, deve passar pelo corpo para nele constituir uma alma. A "boa" alma, liberta das paixões, dos maus instintos, das perversões. Há que afastar do homem a sombra de "periculosidade" que o oprime. O queiratinho também um pai-de-família-exemplar. O primeiro-aluno-da-classe é sério candidato, num futuro próximo, ao título de pai-do-ano. A boa-menina se reserva um futuro igualmente brilhante: Alcega, exemplar, amorosíssima! Há de esconjurar portanto, o "outro", o "estranho", o "diferente", o "estrangeiro" em seu

ção do sexo, patologização da sexualidade perigosa (a da histórica, a do masturbador, a do homossexual), moralização da conduta sexual, valorização da família e dos cuidados sobre ela (afinal de contas, é o triângulo edipiano que define o nosso desejo mais fundamental...). O sexo tem portanto um parentesco insidioso com a verdade de cada um: "Dize-me com quem andas, que eu te direi quem és". Isto também tem "certas amizades", as "más companhias", ou ainda "cuidado, este mal pega, por osmose"! Nessa incessante simulação, o curso sobre o sexo, a permanente confissão de nossa intimidade, antes do confissão, agora, de preferência, no divã.

O Uso dos Prazeres e O Preparo de Si, cujo lançamento será simultâneo na França e no Brasil — os dois últimos volumes da História da Sexualidade, romperam um silêncio de oito anos. E mais uma vez, Foucault surpreende, desconcerta. Mudança de perspectiva: o projeto inicial de seis volumes foi abandonado. A temática também é outra: trata-se agora de problematizar o nascimento das mudanças nas antiguidades Clássica. A respeito dessas mudanças, diz Foucault: "Eu mudei de opinião. Um trabalho quando não é ao mesmo tempo uma tentativa para modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não tem muito interesse". Ora, trabalhar é empreender pensar outra coisa que aquilo que se pensava antes destes livros, como os outros, são um trabalho de história do pensamento. História do pensamento não quer dizer história do pensamento, das ideias ou representações, mas a tentativa de responder a esta questão: como um saber pode se constituir? Como é que o pensamento enquanto relacionado com a verdade, pode ter também uma história? Eis a questão que eu coloco. Eu pretendo responder a um problema preciso: nascimento de uma moral, de uma moral enquanto uma reflexão sobre a sexualidade, o desejo, o prazer" (5). A lição de Nietzsche (6) foi cumprida até o fim: pensar é mudar, a tarefa da "gaia ciência" é a transmutação de todos os valores e a filosofia só pode ser feita a marteladas. "A serpente que não pode treinar a pele pericla o mesmo acontece com os espíritos aos quais se impede de mudar de opinião: deixam de ser 'espíritos' (Nietzsche, Aurora, aforismo 573). E a metáfora da serpente não está aqui por acaso: é ela agora a imagem da sabedoria...

III
Como vedes, o nosso valoroso guerreiro não passa de uma "serpente". Daí o inóculo que provocou e provocou. A mutação, o devir, coloca permanentemente em questão aquilo que o Ocidente aprendeu a venerar com Platão como o seu tesouro mais precioso: a imutabilidade do Ser, da Verdade e da Razão. A serpente é a vitória da aparência, da superficialidade. Profundezas e essências, marcas invencíveis da estratégia de dominação dos corpos e da vida da espécie. Por isso, a morte do guerreiro que aprendeu a ler, compreender e, principalmente, a amar Foucault, com Jeanne-Marie Gagnebin (que também me deu a ideia de dissertação sobre Foucault, me fez penetrar na rigorosa arquitetura do seu pensamento), com Walderez Feinzein (que dividiu comigo, em tantas noites paulistanas, a tarefa de decifrar as mutações da serpente), com meus alunos que assistem meus cursos sobre Foucault na UFPA, principalmente Adauto Melo Jr. e Maria do Carmo Souza, que com suas "Histórias da Psiquiatria no Pará" e "Poder e Homossexualidade em Belém" respectivamente, mostram que o "microscópio" de Foucault é mais eficiente do que se possa imaginar: ele chega até a Amazônia...

Último capítulo de uma lição, ele deixou alguma? Isso, Gilles Deleuze já respondeu por nós: "A mim, me parece, diz Deleuze a Foucault, que você foi o primeiro a nos ensinar — tanto em seus livros quanto no domínio da prática — algo de fundamental: a indignidade de falar pelos outros". (7).

XXXXXXXXXX

Notas
1 - Jean-Pierre VERNANT, "A Bela Morte e o Ocidente", in *Discursos*, São Paulo, n.º 9, 31-62, novembro de 1978.

2 - cf. "O Microscópio de Michel Foucault: os Passos ao Léu", S. Paulo, Brasiliense, 1983, p. 31.

3 - E isto por motivos bem mais "anti-hegelianos" que "anti-marxistas" como é comum dizer. Ver a respeito, o artigo de Lebrun citado acima.

4 - "Dossier Foucault" do *Magazine Littéraire*, maio de 1984, p. 18. A tradução é minha.

5 - E em *A Verdade e as Formas Jurídicas* (1973), que Foucault filia explicitamente o seu projeto a Nietzsche.

6 - in *Microfísica do Poder* (coletânea de textos, entrevistas e conferências de Foucault), Rio, Graal, 1979, p. 70.

Ernane, preparando a tese, agora com muito mais emoção

próprio lar", aquele que fere a norma, loucos... aos asilos! Pequenos delinquentes... à Febem! Bichas... aos hospitais psiquiátricos! Mas não são esconjurados: é preciso trazer de volta as ovelhas desgarradas ao rebanho. E para isso se constitui um domínio do saber que toma para si o direito de dizer a esses "estranhos" o que eles são: as "ciências humanas". Saberes para a normalização das condutas, eis o "diagnóstico" da navalha afiada que recorta as questões do nosso presente, para as "ciências humanas". Médicos e juizes, psiquiatras e psicólogos pedagogos e assistentes sociais são os hobbis construtores da "alma" do homem contemporâneo. "critérios de verdade" mostrados ao contrário, que o aparecimento de um "saber" que passa a ser tido e reconhecido como "verdadeiro" na medida em que é considerado "científico", é tributário de um novo modo de exercício do poder, que incide sobre o corpo no seu mínimo gesto e no seu menor detalhe, o inscreve na trama tão bem "inventada" que se chama normal do patológico, a razão da desrazão. Tal qual irmãos siameses, poder-saber e verdade constituem uma unidade indissociável. O objetivo de Foucault é "escavar" os subterrâneos que tornam possível esta "tríplice aliança".

A análise dos mecanismos disciplinares de Vigiar e Punir, se complementa com aquela empreendida em "Fontes de Saber" (14) volume da História da Sexualidade (1976), acerca das relações entre poder, sexualidade e verdade. Novamente tradições sacralizadas e respeitáveis autoridades precisam desmoronar: para negar a hipótese repressiva é necessário fazer tremer na sepultura o Dr. Freud e neste vendaval os representantes máximos do freudo-marxismo, Reich e Marcuse, sem esquecer Lacan e seguidores. Como explicar que o sexo seja reprimido num sistema que não se cansa de "tagarelar" sobre ele? A repressão seria então apenas máscara, faceta, parte de uma estratégia de dominação fundada não mais exclusivamente no controle do indivíduo, mas sim ao nível da espécie e da conservação da vida. Medicaliza-